

Palavra da Presidente

P. 02

Diretoria Científica

P. 03

Entrevista

P. 04

Revista de Psicanálise

P. 10

Associação de Candidatos

P. 10

Psicanálise e Educação

P. 11

Infância e Adolescência

P. 11

Relações com a comunidade

P. 12

Nada será como antes amanhã

ENTREVISTA COM RONALDO BASTOS



Expediente

PRESIDENTE

Maria Lucrecia Scherer Zavaschi

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Eleonora Abbud Spinelli

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETOR CIENTÍFICO

Zelig Libermann

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Tula Bisol Brum

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Katia Wagner Radke

DIRETOR DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Rui de Mesquita Annes

DIRETOR DO INSTITUTO

Carlos Gari Faria

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (coordenador)

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

Clarice Kowacs

Laura Meyer da Silva

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 2.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design



Maria Lucrecia Zavaschi*

Nada será como antes amanhã

Em nome da diretoria 2016/2017, cumprimento a comissão organizadora deste Jornal por sua dedicação e aproveito a oportunidade para desejar a todos os nossos associados um ano de encontros e coragem para o enfrentamento dos desafios que o complexo e preocupante contexto nacional exige. Que encontremos no trabalho caminhos de esperança e busca criativa de soluções

Os artistas sabem melhor do que nós expressar as aflições e as aspirações humanas. A esperança de que vivências felizes do passado possam perpetuar-se é frequente aspiração de muito de nós. Em todas as etapas da vida estamos sujeitos a perdas acompanhadas de lutos mais ou menos profundos e duradouros. Também em todas as etapas da existência somos desafiados a novas demandas do crescimento, agraciados com presentes da vida, ou até podemos protagonizar algumas conquistas.

Diante do sofrimento psíquico, pode-se tentar a busca do “paraíso perdido” que nos remete ao primitivo e confortante seio materno que não mais voltará, ou buscar a força que advém da elaboração do luto pelas inúmeras perdas inerentes ao crescimento. A progressiva percepção da irreversibilidade do tempo e a consciência da morte se constituem em marcos importantes ao longo da vida e do próprio processo analítico.

O verso do poeta Ronaldo Bastos, entrevistado neste número, nos catapulta a uma inexorável verdade: “nada será como antes amanhã”. O próprio poeta e compositor revela que esse verso nasceu durante os anos de chumbo, quando a ditadura militar restringia a liberdade de expressão dos brasileiros.

Minha geração, e de muitos colegas da Psicanálítica, também foi matizada pela perda da liberdade de expressão. Hoje, nossas inúmeras perdas são de natureza diversa, mas estão aí, e as lamentamos. No entanto, o verso também encerra toda uma esperança de que o amanhã possa ser distinto e quem sabe até melhor em certos aspectos.

A elaboração de nossos lutos pode ceder espaço a aprendizados que desvelem capacidades inusitadas diante do infortúnio.

O próprio Freud, em “Luto e melancolia”, escrito há 100 anos, diz que “(...) após a consumação do trabalho de luto, o eu fica novamente livre e desimpedido”, para novos empreendimentos e novas conquistas ou, como diz o poeta: “resistindo na boca da noite um gosto de sol”.

*Presidente da SPPA

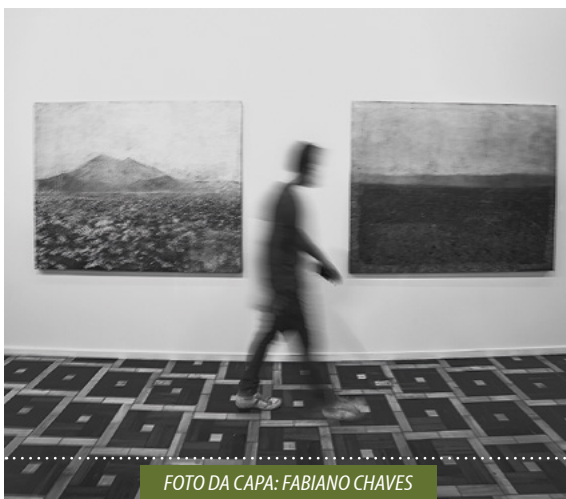


FOTO DA CAPA: FABIANO CHAVES

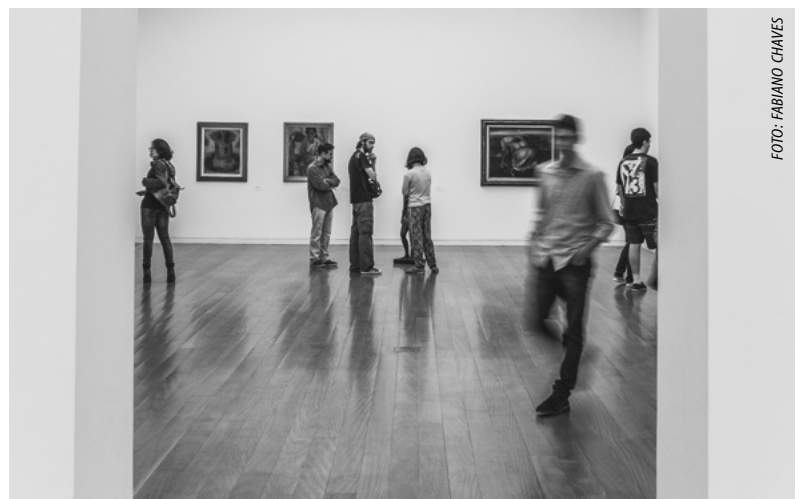


FOTO: FABIANO CHAVES

SPPA recebe Howard Levine para debater “O Lugar da Verdade em Psicanálise”

A SPPA, mantendo sua tradição de intercâmbio com a Psicanálise de centros nacionais e internacionais, recebeu a visita de Howard Levine em 22 de novembro de 2016.

Psicanalista em Boston (EUA), analista didato do Instituto de Psicanálise de Massachusetts e membro do corpo docente do Instituto de Psicanálise de New England East, Levine atuou no Conselho Editorial do International Journal of Psychoanalysis e de outros periódicos. Também editou vários livros e é autor de inúmeros artigos e capítulos de livros versando sobre temas diversos da prática e da clínica psicanalítica, intersubjetividade, transtornos primitivos de personalidade, entre outros. Seu livro mais recente publicado no Brasil intitula-se “Estados não representados e a construção de significado”.

Em atividade promovida pela Associação de Candidatos da SPPA, o convidado debateu material clínico com os Membros Aspirantes e participou de um encontro em que relatou sua experiência psicanalítica e as características da formação em Psicanálise em sua Sociedade. Posteriormente, em atividade com o conjunto



Diretoria da SPPA com o palestrante Howard Levine (ao centro)

dos membros da SPPA, Levine debateu outro material clínico.

À noite, em uma conferência proferida aos membros da SPPA e aberta aos profissionais interessados em teoria psicanalítica, Howard Levine abordou o tema “O lugar da verdade em psicanálise”. Neste trabalho, ele apresentou suas ideias a respeito do papel das experiências registradas sensorialmente comparado à função das experiências, partindo dessas vivências de sensações, chegam ao registro das representações e, em última instância, do pensamento. Segundo o autor, entre o papel das sensações e a função das representações “sempre há um espaço enigmático que existe e pode ser preenchido”.

Em suas considerações, em que pese a presença de sua maior influência, as ideias de Wilfred Bion, Levine nos mostra uma abrangência teórica que lhe permite transitar por outros autores da escola inglesa, bem como pelas ideias de psicanalistas franceses e, também, latino-americanos.

Em todas as atividades de sua visita à SPPA, foi possível acompanhar sua sintonia com o material apresentado nos debates clínicos, evidenciando a sensibilidade e compreensão, bem como sua capacidade de formulações teóricas e de debate com a plateia.



Entre o papel das sensações e a função das representações “sempre há um espaço enigmático que existe e pode ser preenchido”

Dr. Howard B. Levine na SPPA
Membro da Associação Americana de Psicanálise e da IPA

Apresentação do artigo:
O Lugar da Verdade na Psicanálise
(disponível no site da SPPA)

22 de Novembro de 2016 • 20h30 • **Auditório SPPA**

Valor **R\$ 50,00**

Rua Gen. Andrade Neves, 141 do andar
Fone: (51) 3224-2040
www.sppa.org.br

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
INTERMUNICIPAL
Membros: Associação Psicanalítica Brasileira

Ronaldo Bastos

*“...Já sonhamos juntos
Semeando as canções no vento
Quero ver crescer nossa voz
No que falta sonhar...”*

Esta entrevista foi realizada em 17 de outubro de 2016, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, local da Festa Nacional da Música e do Encontro do Ecad Direitos Autorais. A Conversa foi gentilmente organizada, e acompanhada, por Léo Henkin, músico e compositor porto alegreense que foi incansável na sua disposição de auxiliar e promover esse encontro do Jornal com esse grande letrista e poeta. O objetivo da Comissão Editorial é trazer uma entrevista que visualize uma mente criativa, já que um dos principais objetivos da psicanálise como teoria e como método terapêutico é a busca incessante da criatividade de cada um. Por uma questão de tamanho, infelizmente, o material necessitou ser editado de uma forma que não se cortasse o pensamento do entrevistado.

Segundo o site do Museu do Clube da Esquina, Ronaldo Bastos Ribeiro nasceu em Niterói (RJ), em 21 de janeiro de 1948. Quando criança sonhava em ser cantor. Durante seus estudos no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, iniciou sua relação com as letras. Na época em que estudava História na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, foi apresentado a Milton Nascimento. Com a canção “Três Pontas”, iniciou a parceria com Milton, que renderia clássicos como “Fé Cega, Faca Amolada”, “Nada Será Como Antes” e “Cravo e Canela”. Abandonou o curso de História e, mais tarde, formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrou o grupo de poesia marginal Nuvem Cigana. Contribuiu como letrista, capista e como organizador das composições do disco Clube da Esquina. Ao longo de sua trajetória profissional também foi parceiro de Tom Jobim, Caetano Veloso e Lulu Santos, com quem compôs o sucesso “Um Certo Alguém”. Paralelamente a atividade de letrista, dedicou-se a carreira de produtor musical e, em 1994, fundou o selo Dubas.

MÚSICA E PSICANÁLISE

COMISSÃO EDITORIAL: A psicanálise trabalha todo o tempo com o inconsciente por ser este seu principal referencial teórico. Observamos isso, numa outra dimensão, com os artistas. É notável a capacidade dos poetas de captar o inconsciente e transformar suas imagens e sensações em pala-

avras. Poderia tentar descrever como se dá, na sua visão, esse processo de transformar algo que está interno em palavras?

RONALDO BASTOS: Eu não sei responder, exatamente. Não tenho a menor ideia de como funciona. Houve um momento, quando eu estava começando a fazer música, que havia muito debate em relação à psicanálise. Eu tinha alguns amigos que faziam psicanálise, principalmente na família Jobim (durante algum tempo eu fui agregado ali da família, e isso foi muito importante para mim). Havia sempre esta pergunta: “você não vai fazer psicanálise”? Quer dizer, o quanto o fato de você ser analisado diminuía o poder disso que você está falando, quanto se você conhecesse mais, tivesse um processo político... No meu caso, eu fiquei diante, não só diante disso, porque é uma questão fundamental para que eu tenha conhecimento, mas também diante dessa proposição da família... você tem que fazer

CE: Mas, desculpe te interromper: você tinha uma ideia de que poderia diminuir assim, a capacidade do artista?

RB: Não. Isso existia um pouco, mas não era questão fundamental para mim, para não fazer. Eu era muito ‘duro’, entendeu? Eu não cogitava fazer psicanálise, mas eu fui mudando de opinião. Eu sou meio intuitivo. E, embora eu me interesse por muitas coisas, sempre tive uma educação formal, cumpri tudo,... escola,... uni-



Ronaldo Bastos

versidade, tudo..., mas eu sempre me mantive um pouco, como se eu estivesse na superfície de alguns assuntos. Então, em algum momento, eu fiz análise, tive uma experiência, eu não sei que tipo de análise era, mas num momento que eu precisei, fiz algumas sessões de terapia, exatamente na época do “Clube de Esquina”... e foi muito bom para mim.

CE: Isso em Minas...

RB: Não, eu na realidade sou carioca, sou de Niterói, e aos 10 anos eu mudei para o Rio, mas essa coisa de Minas, não sei o porquê. Minas é um Estado manancial, como dizia Guimarães Rosa. Minas é a caixa d’água, e de certa maneira a gente acaba sendo mineiro. Para mim é muito próximo, porque Minas é perto do Estado do Rio. E tem as raízes da minha família. Na adolescência comecei a ir pra Minas, fiquei conhecido como mineiro, e atualmente eu sou cidadão mineiro...

PROCESSO DE CRIAÇÃO

RB: Eu estou pensando tudo agora.... de certa maneira, eu conduzo esse processo de criação, no qual eu não recuso o conhecimento e interesses em muitas outras coisas, mas eu mantenho um universo que é para mim o essencial para eu me locomover... Eu tenho essa questão da cultura, do conhecimento, do aprofundamento em relação à criação, de uma coisa que é a arte popular. E eu sempre falo desta questão, toda

a vez, por exemplo, que falam que eu sou um poeta. Eu digo: "não, eu acho que todo mundo é poeta, e todo mundo tem esse processo de transformar, de alguma maneira, as expressões em arte. Eu não sou um compositor popular, o que faço vem diretamente da canção popular... eu sou um garoto que escutava rádio. A Rádio Nacional é uma história da minha geração... todos nós falamos isso. Milton fala isso, Caetano fala isso, Gil fala isso...", todos nós éramos ouvintes de rádio, e naquele tempo rádio tocava tudo, música francesa, italiana, você tinha isso tudo misturado. A vida para mim vinha através do rádio, e é isso... acho que todo mundo é poeta. Eu não procuro fazer poesia, não escrevo poesia. Existem outros caras, por exemplo, Antônio Cícero que é um grande letrista, é um filósofo, um cara culto. Quando ele se aproxima da música popular o máximo possível, ele tem uma mescla, mas ele nunca deixa de ser popular. Para mim, de certa maneira, é o contrário: eu parto da coisa popular, eu parto da melodia, então que é uma coisa que já está pronta, mas eu tenho outras informações que de certa maneira, eu utilizo. Eu uso outras informações, vamos dizer, mais cultas. Eu me interesso por outras coisas, mas não tem uma coisa de intelectual. É uma coisa meio de aproveitar ao máximo as ferramentas que eu tenho e utilizar as ferramentas de outros pontos da cultura.. agora, eu acho que este processo acontece intuitivamente, e, provavelmente, acontece com os artistas. Eu acredito que todo mundo tem o poder da criação, mas acho que de alguma maneira, não sei qual é a comporta que abre, de certa maneira, essa presunção de que você intui coisas... Eu, por exemplo quando começo a fazer uma letra, eu não escrevo antes, não escrevo um texto, quando começo a fazer uma letra, eu parto da música geralmente, e é totalmente intuitivo...

CE: *Por isso que nos interessa muito este processo. Não é o referencial psicanalítico que se passa numa relação entre psicanalista e paciente, mas ele se usa desse referencial que se chama livre associação, ou seja, a pessoa fala o que ocorrer na hora, ela não tem que se organizar para falar nada. Então aquilo vem de dentro, sem uma lógica racional e se busca uma lógica interna, que é a capacidade que os artistas têm de captar isso de*

uma maneira mais apurada... aquela coisa que está no ar...que o artista junta...

RB: Eu tenho sempre esse cuidado..., porque no Brasil uma coisa que eu falava muito é que os compositores de samba, como por exemplo, Luiz Carlos da Vila, Cartola... eu acredito que o resultado da poesia desses caras é poeticamente, no sentido de que cada palavra é única de certa maneira. Eu sou um compositor ligado com Dorival Caymmi e com o cuidado da sonoridade e da concisão de cada palavra. Eu encontro isso no samba, mas eu encontro isso com uma coisa que cada palavra tem uma dose de emoção, de informação. Então, eu sempre falo assim: as pessoas só que dizem que eu sou poeta, porque o outro é sambista. Eu digo assim: essa pessoa vive bitolada por um preconceito. O fato, por exemplo, de eu ter morado muito tempo nos

Eu acredito que todo mundo tem o poder da criação, mas acho que de alguma maneira, não sei qual é a comporta que abre, de certa maneira, essa presunção de que você intui coisas...

Estados Unidos, ou eu ter vivido em vários países, ou ter conhecido Andy Warhol, ter todas essas coisas... de certa maneira, para mim, elas são matéria do meu trabalho, e são matéria do meu trabalho como trabalho. Por essa questão da psicanálise, que eu nunca pensei, na dúvida, que eu vou perder ou não esta capacidade intuitiva e vou começar a analisar tudo o que eu fizer, e tinha um pouco esta discussão que, na realidade, é uma discussão que eu faço hoje em dia. Acho que não procede tanto, mas para um cara de 17, 18 anos, isso aí nesse momento

em que seus amigos estão começando a fazer psicanálise, você está sendo cobrado, você está com um monte de problemas da adolescência...

CE: *... eu acho que a própria psicanálise evoluiu de um conceito mais de tratamento terapêutico para um conceito de ampliar o inconsciente, então não se usa o referencial que a gente está tratando de uma doença...*

RB: *... claro...*

CEL: *... a gente está auxiliando a pessoa a ampliar, a expandir o seu inconsciente...*

RB: *... claro...então assim, por exemplo assim eu li poucas coisas da ... a gente estava falando disso hoje, ... a gente estava falando assim, por quantas vezes a gente começou a ler o Proust e não termina, não vai... pô... a gente estava conversando sobre esses aparelhos que tem aqui, e porque eu não consigo me acertar com eles, porque é uma tecnologia difícil, e que a gente fica fazendo essas coisas todas aí, viaja pra ir não-sei-o-quê, prá ir num encontro de não-sei-o-quê, não-sei-o-quê, não-sei-o-quê ... e na realidade, a gente fica dizendo assim: pô! O bom mesmo se você ... o futuro, eu vejo o futuro assim... o moderno mesmo é o cara deitar na rede e ler Machado de Assis, ler... e então eu não tenho... eu li pouco sobre ... sobre isso, mas eu vivi numa época em que essa questão da psicanálise era muito presente, né? Então eu li, eu li um... eu adorei tem um... eu li ..., o Freud é fundamental, mas eu li um livro do Freud que era sobre é ... amor... palavras trocadas, como se fossem, como é que se diz, como se diz...*

CEL: *... de ato falho...*

RB: *... de ato falho... não, mas principalmente, ... quando... falar em ato falho... eu tô, eu tô... isso é idade mesmo, eu tô agora esquecendo o nome das pessoas e as coisas, mas assim, coisa de brincadeira, chiste, né? ... brincadeira e tem um livro sobre isso e eu achei aquilo interessantíssimo, mas eu li aquilo como se fosse uma coisa assim que dá um imenso prazer ler... porque estava num ambiente universitário, porque não-sei-o-quê, não-sei-o-quê... então de repente alguém chegava assim... mas eu nunca tive uma ... é ... formação, assim intelectual, sólida ... nenhum aprofundamento, quer dizer é meio, também acho que o compositor popular é fruto dessa coisa assim que paira nesse...*

CE: ... é que a ideia do Freud é que existe uma repressão que ela escapa como chistes ... nos atos falhos e na arte, ali ela ...é ...

RB: É... é muito interessante... até hoje

INFINITO

CE: Uma das questões mais atuais nas reflexões psicanalíticas é a noção do infinito. Está se trabalhando cada vez mais com isso, o inconsciente interno e relacionado às possibilidades de caminhos que o inconsciente de cada um pode tomar, que são infinitas! Uma canção, pensamos nós, pode ser um ponto de partida para o infinito, tanto do letrista e músico como do ouvinte! O que acha sobre isso?

RB: Eu penso, é igual quando as pessoas começam a discutir religião, eu só sei que existem coisas divinas. E, se existem coisas divinas, alguma coisa divina deve acontecer, e essa outra coisa que a gente não sabe o que é. Então eu prefiro estar desse lado em que algum momento não pegava bem você ter uma religião, ou você acreditar em outras coisas, um momento que isso era uma coisa, meio que não era intelectual. Nesse sentido eu sou um cara mediano (o cara mediano que o Roberto falou). Do português mediano. Para mim quando eu fiz um selo... um selo de música, tinha uma questão de qual é o seu projeto? qual é a sua linha? E eu quando comecei o meu selo de música, eu falei assim: a minha linha é a linha do horizonte. De certa maneira, a minha linha sempre foi do horizonte. E eu acho que seria um mundo muito chato sem essa noção de infinito. Só isso...

CE: ... e previsível também.

RB:... é igual a um mundo sem divino, um mundo sem infinito, um mundo sem poesia. O mundo já é tão chato por outras coisas. Todos nós temos as nossas dificuldades, temos que lutar para sobreviver. O ser humano já é bastante limitado, no entanto, magnífico, com inúmeras possibilidades, mas tem essa outra coisa que é limitado, e também como a gente vê o que acontece. Na vida real, as coisas estão aí, a gente não está no melhor dos mundos, e eu acho que é uma realidade reconhecer que não é o melhor dos mundos. Tem sempre essa coisa, sempre as guerras, as traições. Então, se a gente não acreditasse nisso... Que graça teria?

OS SONHOS

CE: Aqui a gente toma como psicanalistas, o possível conceito de uma canção, como uma obra de arte, tem uma função semelhante a um sonho! Essa linguagem onírica do sonho, necessária para a vida mental, traduz em palavras as sensações do mundo interno de cada um! Podemos considerar uma música, uma letra, um sonho cantado?

RB: Acho que sim. Não sei como é o sonho, mas acho que sim. Tem pessoas que lembram muito dos sonhos, eu lembro muito poucos dos meus sonhos, e...

CE: Nunca te aconteceu ter uma letra... sonhar a letra e acordar, ah isso...

RB: não, não só letra, mas músicas, isso a gente pinta quadros, pinta...

CE: e mesmo se tu não se recorda, talvez tu já tenha sonhado a letra...

RB: É possível, porque as canções, na realidade, são construídas com poucas palavras e poucas situações. Uma vez eu estava na rádio em Lisboa, tinha uma apresentadora que sempre fazia uma pergunta diferente. E ela falou assim: "De que cor é o vento"? Eu falei: "Verde". Aí ela parou, porque ela queria que eu falasse o porquê... Eu falei: "Verde", já está resolvido para mim... o negócio é assim,... música popular,... qual é a palavra? Porque as palavras da música popular, pelo menos as faladas para mim na música popular, como eu venho dessa coisa de Caymmi especificamente, de muitos outros compositores, mas especificamente Caymmi, eu sou aquele cara que escreve assim coisa "desse tamanho", e com aquelas palavras e as sonoridades, tudo é de onde eu venho... é claro, eu sou de uma geração que veio depois dos Beatles, tive outras experiências, tenho outras, tenho letras com outros, mas basicamente é essa sonoridade...

CE: Tem um autor que é o Ferenczi, que depois se afastou até um pouco de Freud, ele escreveu um livro "Thalassa" e uma ideia de que era a volta do ser humano ao mar, que é o útero. Então, quando eu ouço Caymmi lembro muito essa ideia de uma volta ao mar. Ao útero, ao mar da mãe, é muito interessante...

RB: Recentemente o Tavinho Moura, que é um cara maravilhoso, um dos grandes compositores



Álbum Nuvem Cigana traz composições de Ronaldo Bastos imortalizadas na voz de Milton Nascimento, Lô Borges e Beto Guedes, entre outros

brasileiros, deu uma entrevista para um suplemento literário de Minas muito bom, que tem uns 40 anos. Uma das perguntas era sobre os parceiros, e ele contou que quando me conheceu, ele disse: "Ronaldo Bastos cheirava a mar" e, e na realidade, eu nasci na beira do mar. Eu nasci em Niterói, na praia de Icarai e sempre, se tivesse que resumir numa palavra.... tem sempre uma situação: resume com uma palavra, para mim a palavra seria mar, e isso é coisa do Caymmi.

CRIATIVIDADE

CE: A noção de criatividade tem haver com a capacidade de o inconsciente ir se ampliando em espirais cada vez maiores! É um conceito de Bion: o universo interno em expansão. Assim, nada será como antes amanhã, utilizando a tua linda letra, pode ser, dentre outras tantas formas de ver, um processo fascinante de busca por algo criativo na vida! Poderias falar sobre a tua visão sobre a criatividade?

RB: Eu não sei muito falar sobre criatividade, na realidade. Eu não sei de onde vem mesmo.. não é que eu receba, tipo...

CE: ... e tu consegue identificar quando estás mais criativo? Ou não?

RB: Ah, sim!

CE: ... isso é um parâmetro...

RB: Talvez se eu falar de "nada será como antes", já que vem daí... "nada será como antes" é uma canção... Eu vivi no tempo da ditadura, e isso para mim, para todos nós, foi sempre foi meio pesado, e a gente descobriu que poderia reagir... Eu fiz movimento estudantil, depois eu fiz "Nuvem Cigana", já foi uma maneira de fazer política, de

outra maneira que foi dar outros movimentos que hoje em dia são reproduzidos pela nova geração. Quando eu escrevi esta música, meu irmão mais novo, que é o meu irmão mais próximo, estava no exílio, então a ideia era fazer uma carta para ele, e para as pessoas que estavam, de certa maneira, nesta situação. Mas eu havia lido um artigo que a autora falava sobre a questão do amanhã na música brasileira. As pessoas falavam do amanhã, do dia que vai chegar... Eu li... e de certa maneira, eu queria escrever uma música também, eu queria falar isso e dar um passo adiante nessa questão de não fazer mais uma música que fosse o dia que vai chegar. Eu tenho três canções que são ligadas: "Nada será como Antes", depois "Fé cega, faça amolada" e "Sol de Primavera", uma canção de seu tempo, assim como as músicas do Bob Dylan, são canções de seu tempo. Eu já tinha feito essas canções, eu era duro, não tinha profissão, não tinha grana. E eu vi um negócio que era fazer como os cantores e cantoras americanos, por exemplo, eles gravavam as mesmas músicas. Não tinha essa coisa do Brasil, que as pessoas gravam uma música e as outras não gravam. Os caras faziam músicas que até hoje as pessoas gravam, e que são hits, e que são clássicos, mas que na realidade eram assim, músicas prosaicas... No Brasil, especialmente da MPB, ficava muito assim em torno de uma coisa: você tinha que fazer aquela música, que aquela música, então chegou o momento que eu já tinha feito de certa maneira essas músicas, e eu precisava viver de música. E eu sempre gostei de música popular, eu não tinha um compromisso, eu não tenho um compromisso com a MPB, com a cultura. Eu tenho um compromisso com a música popular! E eu precisava ter uma profissão, e eu falei: eu não quero ficar fazendo essas músicas, que cada música tem que ser uma coisa, eu quero fazer umas músicas, sem fazer umas músicas que vai ter o mesmo peso, pra mim, vai ter o mesmo peso, o mesmo grau de intensidade, não é por aí...

CE: ... e aí tu acha que foi rolando mais ao natural

RB: ... foi rolando mais ao natural, e aí eu me lembro quando eu fiz "Chuva de Prata", teve um crítico que falou que "Chuva de Prata

era a confirmação das teorias brega-chique de Eduardo Dusek. Eu conheci Eduardo Dusek, não só conhecia, como já estava trabalhando com os miquinhos amestrados, que era uma coisa impensável para uma pessoa da MPB... impensável, era do tipo "jogar pedra", entendeu? Já até conhecia... mas aí eu respondi: "Olha, eu não sei qual é a teoria brega-chique do Eduardo Dusek, porque eu adoro brega e sou chique, entendeu? Na minha maneira de... pensar a minha música e depois eu consegui fazer com o Celso Fonseca isso, que é criar um personagem e fazer várias músicas desse personagem, é um personagem que tem um pé no "Glamour" e um pé na sarjeta..."

CE: ... "Sol de Primavera", por exemplo, poderia usar como uma descrição do processo analítico, que é, cada vez tu zera, e começa de novo algo, não é? ...

RB: Na realidade, eu acho o seguinte: o compositor, eu não sei os outros... eu acho que eu fiz essas músicas um pouco dentro desse processo. Foi o meu processo. Mas, de certa maneira eu nunca usei esse "eu" inteiramente para mim. Eu nunca escrevi uma música para mim. Mesmo a música como "Cais", que escrevi com 17 anos. Aos 17 anos eu não sabia o que eu fazia da vida. Era completamente "punk"! É... então é uma música que provavelmente eu fiz para mim. Mas em nenhum momento que eu ouço "Cais", eu acho que aquilo é só para mim. Eu sempre gosto muito de sentar para trabalhar. Escutar uma música um milhão de vezes, e já diz para o parceiro: se você não gostar, você pode jogar fora e começa de novo... o fato de eu ter feito um milhão de músicas, não me dá o direito de as pessoas terem que aceitar, principalmente,

porque geralmente quando eu trabalho com letra com parceria, a música não é só minha, é uma coisa assim... na realidade eu tenho que traduzir, porque... assim... eu escrevo letra, mas o que eu acho mais importante em uma canção é a melodia. E isso não é nenhuma tiração de onda. Eu acho mesmo...

CE: Não tem com dissociar?

RB: Não.

RB: Depois de pronto, não. E acredito que a letra da música, que na música, na melodia, já está tudo ali. A função, a coisa da criação, para mim, é como você tivesse um bloco de mármore e você visualizasse o que está ali, e depois você tira tudo o que não está. Esse é o que eu consigo com a minha inteligência mediana perceber se alguma coisa de um processo de criação. É claro que, às vezes, começa pelo fim, às vezes, começa pelo meio, eu não visualizo essa maneira, mas eu tento descobrir naquele bloco, ou naquela madeira, o que está ali. Porque a música que faz sucesso, 70% no mínimo do sucesso é a melodia, e não a letra. As pessoas se interessam pela melodia. Então, o meu processo de fazer letras de músicas, porque eu não sei tocar, e essas coisas, e talvez se eu soubesse, não acontecia, então não é uma lamentação o fato de não.... Antigamente eu achava um pouco isso. Achava que era uma desvantagem. Pô, esses caras, Chico Buarque, pô esses caras tocam! Se eu soubesse tocar violão, eu ia fazer isso. Depois eu falei: "não!" Talvez se eu soubesse tocar violão, eu ia ser um compositor medíocre e ia fazer umas letras péssimas. Talvez, seja esse o processo, o meu processo de criação, ele é um processo de músico. Eu sou músico à minha maneira, na realidade, eu só faço canção, porque eu canto. Eu canto bem sozinho. Sentando na rua. Mas eu sou da escola dos cantores. Eu canto todas as melodias. Eu faço música cantando. E como geralmente eu fico com uma música mais tempo do que o outro parceiro porque ele me dá e a música fica comigo muito tempo, até que eu devolvo. E gosto de terminar junto. O processo. Não entrego ninguém, se sair, você se vira. E ao mesmo tempo, depois tem que ensinar essa música para um cantor, para uma cantora, então já cantei, eu já cantei músicas assim para Elis Regina. "Não, não é assim, é assim!" Claro, que eu não ensinei ninguém a cantar, mas eu ensinei pelo menos como aquela música estava, porque eu tinha cantado aquela música...

CE:... dentro de ti...



Cais - LP autoral lançado em 1989 que inclui, entre outros sucessos, "Fé Cega, Faça Amolada", "Cais" e "Nada Será Como Antes"

LIEBE PARADISO

CE: *Um dos recursos fundamentais na prática terapêutica da psicanálise está na comunicação do inesperado, do peculiar, a fim de que o crescimento mental promova a saúde. Nesse sentido, é uma prática na contramão da cultura contemporânea, da homogeneização, e da solução rápida que a gente vive, e superficial. Em seu álbum "Liebe Paradiso", uma obra de referência, acreditamos, somos tomados por uma surpresa a cada faixa, descobrimos o que não estávamos procurando e há uma abertura para uma abertura estética. A música de qualidade também enfrenta essa pressão por soluções harmônicas "easy hearing" e da tendência a homogeneizar a escuta em favor de um produto de consumo rápido e volátil?*

RB: Eu precisava fazer Liebe Paradiso. Ele foi uma aventura desde o início porque desmontaram um disco que já existia, e depois reconstruir. Eu fiz num momento que eu precisava. Tem uma entrevista, que eu disse: "eu me joguei num abismo e saí vivo". Eu precisava fazer, ele foi feito com o Léo Pereira, que é o meu companheiro. E desse, mais ou menos, essa concepção desse disco, era um pouco do que a gente conversava. Eu estava muito insatisfeito com a música popular, com o falso experimentalismo, entendeu? E aí começamos nesta aventura. A gente já tinha tentado fazer isso antes, que era desmontar um disco da Jussara Silveira sobre Caymmi, mas depois desistimos. Aí passou um tempo, morreu uma pessoa da minha família, morreu a minha mãe que tinha um apartamento que era meu. Eu vendi esse apartamento e, falei assim: "Eu vou fazer isso. Se não ficar bom, eu jogo na lata do lixo". Então era a coisa seguinte: era jogar o apartamento na lata do lixo. Foram quase três anos, de idas e vindas...

CE: ...foram três anos...

RB: E a gente foi, aí parou, nós passamos seis meses só tirando a gordura. Depois passamos seis meses procurando um som. Nesse meio tempo a gente ficou em Berlim, porque eu tinha um amigo em Berlim, eu nunca tinha ido, não falava nada de alemão, acabei colocando no disco um negócio de gueto, porque de repente eu descobri que a língua alemã tem linda sonoridade. Eu achava sempre aquela coisa de preconceito: "Ah! Alemão, aquela língua horrorosa". Comecei a ouvir alemão e falei assim: "Que coisa linda! Que som!

E essa coisa do som, para mim talvez seja mais



Ronaldo Bastos e Léo Henkin

importante da coisa da música toda. O mais importante da música é o som, toda a vez que muda uma réplica da música, o que muda é o som. A gente não foi a Berlim assim, eu não fiquei lá ouvindo música. Não fui descobrir algo ou ser influenciado, nada disso! Fui fazer uma viagem. E a gente foi três vezes seguidas a Berlim.

CE: *Tem uma pergunta aqui que o "Liebe Paradiso" é possível não só ouvir a música, poesia, mas é um som que cria uma ambientação que pode ser vista, tocada e vivida, ou seja, amplia possibilidades dimensionais que transcendem a música e o texto. Então essa é a impressão do Conselho Editorial para contribuir nessa tua discussão...*

RB: Eu acho que é isso mesmo...

O Celso Fonseca, que é o meu parceiro mais constante nos últimos anos. Nós somos muito diferentes, mas fazemos uma parceria perfeita. A gente fez um disco que eu acho que é fundamental na música brasileira nos últimos anos, antes do "Liebe Paradiso", que é o "Juventude, Slow Motion, Bossa Nova" que meio que definiu a coisa da música, da bossa nova no mundo. Eu e o Celso nos damos muito bem, mas todo esse processo da própria criação do "Slow Motion, Bossa Nova" foi bastante difícil sempre, porque dá certo, mas é um equilíbrio muito instável, por diferentes razões... sempre tem uma palavra chata de falar..., por exemplo, nesse disco o

"Liebe Paradiso" para poder conseguir isso, eu chamei o Celso Fonseca para o estúdio, falei para ele o que estava acontecendo... Celso, além de ser um músico excepcional, é um dos maiores produtores.. Aí, deixei de fazer tudo... falei: "A gente fez até agora assim, agora você faz o que você quiser... Aí teve um dia que eu chamei ele para almoçar, só eu e ele, e falei: "eu só vou te mostrar o disco, quando ele tiver pronto. E você tem todo o direito, se quiser jogar na lata do lixo. Pode jogar, não tem problema nenhum". E isso podia arriscar a amizade, parceria, mas eu não tinha outra maneira de fazer.... Eu acho que, na realidade a obra é mais importante...

A INVEJA

CE: *Agora, é muito interessante o que tu falastes do sotaque. Do músico, e aí remete a uma das últimas coisas que o Freud escreveu, e ele consultava muito Goethe, Fausto, a filosofia alemã. Tem uma citação que ele usa que é "O que herdastes dos teus pais, conquista-o para fazer o teu". Que é exatamente isso, quer dizer, o que tu capta da música dos outros o compositor transforma na sua música.*

RB: Para mim, toda a vez que a pessoa pergunta

“O que te motiva a compor?” Minha resposta é: “A inveja”. Eu componho música sobre outras músicas, porque quando a música me dá inveja, eu fico maluco. É isso!

CE: *Por vício de psicanalista, vamos dizer que é mais por ciúmes, do que por inveja.*

RB: É o ciúme move o mundo, não é?

CE: *O ciúmes é mais doce, menos agressivo*

RB: É, por ciúmes, por ciúmes... e despeito...

CE: *Por ciúmes e bola prá frente...*

RB: (Cantando)

“Todo mundo sabe, que eu sempre fui amigo.

Um rapaz como eu, não deve falar de mim

Mas eu não minto,

Todo mundo sabe que eu sempre fui amigo

Um rapaz como eu, não merece essa ingratidão

Falam de mim, falam de mim

Mas quem fala não tem razão

Por ciúme ou por despeito

Falam de mim

Não está direito procederem assim

Meu coração não suporta essa ingratidão

Falam de mim, falam de mim”.

Eu sempre falo assim: “O ciúme... o ciúme é a coisa mais poderosa, a força mais poderosa que existe. Não tem nada igual” ...

CE: *É que a entrevista se encaixando ao natural, a última pergunta é: “Que música você gostaria de ter escrito e ainda sonha em escrever?”*

RB: Isso é difícil... tem aquele negócio das 10 músicas, as 10 músicas que você gosta. E aí eu falo assim: “Essa aqui do compositor, mais essa, e essa, e essa, e aquela também”... Eu vou roubando... Mas eu não sei responder essa pergunta. Na realidade... eu penso em música assim, quando aparece uma palavra, ou eu vejo, ou eu penso, aí me dá vontade de fazer música. O resto do tempo, estou pensando, estou vivendo a vida, assim... não sou 24 horas por dia compositor militante, eu vou deixando chegar... E, é... mas isso se realiza para mim, na hora que eu estou fazendo... Então, eu não sei pensar que música eu gostaria de ter feito, teria um milhão de músicas, eu ia falar uma música do Caymmi... Mas, eu não sei responder, não consigo.

CE: *É mais alguma... a gente tinha pensando numa sensação, numa coisa que o compositor, o artista gostaria de ter transmitido e..*

Falado de algo...

RB: Em termos da vida real, eu acho que a pessoa deve ter feito a música que celebre o momento em que estas questões mais arcaicas mesmo, das dificuldades do ser humano, das doenças, dos desentendimentos, da guerra e tudo isso... tivesse aquele momento de que tudo deu certo e é a felicidade, não é? Em vez de “felicidade foi embora...”, talvez a canção da utopia. No momento em que você é compositor de uma canção, na hora ali que a utopia deu certo... de certa maneira, eu acho talvez seja o sonho de todo compositor, não é? O cara que fez aquela grande canção, nessa coisa assim que você... nessas mazelas todas nos seres humanos e tudo isso, porque ai também vai ter outra questão, quando os adolescentes do futuro vão pensar assim: “Será que num mundo totalmente maravilhoso, o que farão os compositores?” (risos)

MALDADE/BONDADE

CE: *Eu não vejo muito assim, descrevendo uma maldade, não é? Que tu vê a maldade hoje vir à*

flor da pele... Das pessoas... a maldade está por aí, não é? E eu não vejo muitos compositores conseguindo ou tentando escrever essa maldade, por exemplo...

RB: Eu acho o lado escuro da vida atraente. Acho que é muito mais fácil você escrever música pensando pesado. Acho que é mais profundo, mas eu gosto “on the sun, is the side of...” porque eu gosto do lado ensolarado da música. Tenho vontade de saber escrever a música do lado negro, mas eu não faço... É um pouco Pollyanna, mas eu prefiro assim.

CE: *Mas não teria como falar da maldade sem falar da bondade...*

RB: A bondade...

CE: *Mas também seja uma coisa, aquela coisa que o Gabriel García Marquez falou, que ele ia fazer um romance cor-de-rosa, lembra, que ele falou que, talvez fosse isso um pouco, não é? De falar*

sobre uma coisa... maturidade ideal, um mundo...

RB: Eu sou povão, não adianta, começa a rolar assim uma cena de violência forte, eu fecho os olhos. (risos)... eu não tenho compromisso com o intelectual, com ‘cult’, com nada, entendeu?... Claro, não é tanto assim, mas eu prefiro pintar assim.... eu acho que a bondade... Alguém precisa torcer pelo outro lado, não é?

CE: *“Dark side” já está carregado...*

RB: Hoje em dia também porque as pessoas não têm distinção, não é? As pessoas fazem como se estivessem fazendo a coisa mais natural do mundo, para te limitar...

CE: *E a linguagem agressiva ela ficou como sinônimo de uma linguagem até política...*

RB: Qualquer coisa, processam você! Entendeu? Você já pensou se fosse... (cantando) “Negra, negra, negrinha”... não dava certo! O politicamente correto... O Washington Olivetto falou que hoje em dia está impossível fazer publicidade no Brasil, o porque você não pode falar mais nada. Você não pode literalmente fazer, falar mais nada! Está chato mesmo, está chato para caramba. Não, o mundo está chato, muito chato.

Eu estou brigando com o negócio de direitos autorais há anos, logo quando começou esse discurso sobre modernidade. Eu falei assim: “Isso é um projeto do mundo, eu tenho um projeto do mundo, que é o seguinte: é de um mundo chato! Um mundo chato! Então é o seguinte: quando chegou aquela discussão no Brasil que o Google, esse disco voador parado acima da terra de pessoas que são superiores a nós, e que determinam o que nós vamos fazer... e começaram a entrar no Brasil pela porta da frente no Ministério da Cultura, começaram a ditar as ordens. Eu falava assim: “Esse é um projeto mais velho no mundo! É transformar o mundo num terreno plano, com comida plástica barata, de péssima qualidade...

No ano passado tinha um manifesto anti-Ronaldo Bastos. Estavam assinando um manifesto, porque eu falei essas coisas! Eu falei assim: “Vocês estão malucos!”... Todo mundo está fazendo uma música ruim. Não posso falar isso publicamente para a minha classe, eu não posso, mas de vez em quando eu falo, e quando eu falo... é isso!

CE: *Agradecemos imensamente a oportunidade de te ouvirmos falar livremente sobre teus pensamentos que, sem dúvida, enriquecerão o nosso jornal. E aproveitamos para agradecer Léo Henkin, cujo empenho, viabilizou esta entrevista.*

Corpo e Ódio serão temáticas em 2017

Está sendo publicado agora o número especial Campo Analítico II que, assim como o primeiro número sobre este tema, apresenta artigos de autores locais e estrangeiros cuja leitura certamente despertará muito interesse. Neste exemplar também está incluída a Seção Especial com três artigos que foram premiados em Congressos.

A programação para 2017 inclui dois números especiais: Corpo e Ódio, além daquele que usualmente contempla artigos de temáticas múltiplas. Neste volume também serão incluídos trabalhos que foram apresentados no Simpósio da Diretoria da Infância e Adolescência da SPPA em 2016.

Em 30 de outubro e 05 de novembro aconteceu o XVIII Ciclo da Revista de Psicanálise da SPPA na Feira do Livro em parceria com a Câmara Rio-Grandense do Livro. Foram realizadas duas atividades: uma mesa-redonda, versando sobre feminino e feminismo na cultura e na psicanálise e um sarau em homenagem aos 100 anos de nascimento do poeta Manoel de Barros. Ambas as atividades contaram com presença significativa de público e foram bastante apreciadas. Da mesa-redonda participaram Rosane Poziomczyk e Patrícia Lago, pela SPPA, a atriz Sandra Dani e a jornalista Carol Anchieta. Debateu-se o papel da mulher e o enfrentamento histórico de preconceitos relativos à condição feminina. O Sarau teve participação de Denise Bystronski e Alice Becker Lewkovicz, da SPPA, contando com as Doutoradas Cláudia Luiza Caimi (Letras – PUCRS) e Márcia Ivana de Lima e Silva (Teoria Literária – PUCRS), bem como com

o grupo Amigas da Poesia, os músicos Gutcha Ramil e Thiago Ramil e o vídeo maker Leco Petersen. O sarau apresentou aspectos da vida e obra de Manoel de Barros, o recital de uma série de suas poesias e de músicas com ressonância em seus poemas, assim como um vídeo com a narração de uma poesia pelo psicanalista Isaac Pechansky. Foi um espetáculo que emocionou a plateia ali presente.

Dentro do espírito da Feira do Livro, a Revista organizou, sob a coordenação de Marli Bergel, um projeto de incentivo à venda de exemplares de anos anteriores. Esta venda está ocorrendo por valores promocionais e por prazo indeterminado e podem ser adquiridos números avulsos ou a coleção. Os interessados podem acessar a Revista por meio do telefone (3228-7583), do site (www.revista.sppa.org.br) ou pelo endereço eletrônico revista@sppa.org.br.

Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 130,00

NÚMEROS AVULSOS: R\$ 50,00
CONSULTE ARTIGOS/AUTORES NO SITE
<http://revista.sppa.org.br>

FORMAS DE PAGAMENTO

DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA
SANTANDER – BANCO 033 – AGÊNCIA 1480
CONTA CORRENTE 13000656-2
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
CNPJ: 92.911.304/0003-90
Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail: revista@sppa.org.br
Fax: (51) 3224-3340

SPPA
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
90010-210 – Porto Alegre, RS

Associação de Candidatos

Eleita nova diretoria da AC para gestão 2016-2017

Em julho de 2016 foi eleita a nova diretoria da Associação de Candidatos da SPPA (AC-SPPA) Gestão 2016-2017, composta por Denise Steibel (Presidente), Cristina Gerhardt Soeiro de Souza (Secretária), Mariana Torres (Tesoureira) e Francisca Levy (Representante dos Egressos). Em virtude do ótimo trabalho realizado pelas diretorias prévias, a nova gestão assume uma AC fértil cientificamente e saudável financeiramente. A missão agora é seguir cuidando da Associação, incentivando que o espaço e as oportunidades, já oferecidas, sejam ocupados pelos Candidatos, mas também que estes possam enriquecê-la com novas ideias.

Os grupos de escrita de trabalhos já são uma atividade tradicional da AC. No Congresso da Fepal, em Cartagena, foi muito elogiado o trabalho apresentado e publicado na Revista Calibán, que versou sobre os desafios do nosso corpo na sessão. Além deste, um grupo de Candidatos se mobilizou para reunir em um artigo os sete últimos escritos sobre a formação analítica, que teve sua publicação aceita no número temático sobre Formação Analítica, da Revista Psicanálise da instituição co-irmã (SBPdePA).

Através dos grupos formou-se uma unidade em que o intercâmbio é facilitado. Abandonou-se a construção individual da formação para uma construção grupal. O interesse na escrita vem crescendo e se expandindo. Neste semestre, um grupo de Candidatos sugeriu a criação de uma comissão científica com intuito de pensar sobre a escrita científica em psicanálise e sobre como levar o conhecimento psicanalítico para

além das nossas fronteiras. É um grupo ainda em construção, mas que já demonstra uma inquietação que leva à reflexão e questionamento do lugar da psicanálise no universo científico e seu diálogo com outras áreas do conhecimento.

Em novembro, durante a visita ilustre do Dr. Howard Levine, proporcionada pelo instituto da SPPA, foi organizada a tradicional conversa dos candidatos sobre a formação analítica com o convidado internacional. Além disso, foram oferecidos dois grupos de supervisão exclusivos para os candidatos.

Ainda no Congresso da Fepal, a diretoria da AC reuniu-se com outros candidatos representantes da IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization) para conversar sobre as atividades que vêm ocorrendo internacionalmente. Surgiu uma inquietação em comum: como fazer com que mais candidatos possam experimentar o que estes órgãos institucionais podem proporcionar?

Quem participa da AC, seja da gestão ou das atividades, parece sentir a satisfação de estar conhecendo cada vez mais a instituição local e as demais intuições brasileiras e internacionais. O potencial é grande. Os órgãos representativos são abertos e sedentos por mais participação. Há muito espaço a ser preenchido. Todos estão convidados a ajudarem a preencher este espaço. As reuniões da AC ocorrem nas terças-feiras das 10h30min às 11h30min, no 15º andar, sendo a primeira terça do mês aberta a todos os candidatos da SPPA.

Rodas de Conversa são o ponto alto no trabalho com a SMED

Além das Rodas de Conversa com a assessoria da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e com as educadoras, em 2016, as Rodas de Conversa entre os membros da SPPA envolvidos com o trabalho junto à comunidade, foram muito produtivas.

Dentre algumas atividades realizadas destaca-se a escrita de trabalhos teóricos apresentados em Congressos e atividades científicas na instituição e em algumas coirmãs, além da publicação de trabalhos na Revista de psicanálise.

Também prossegue o projeto da Pesquisa junto com as assessoras da SMED e está sendo desenvolvido o projeto de um filme sobre o trabalho em Comunidade, em conjunto com o Pescar, para o site da FEPAL.

O maior foco de trabalho, no entanto, são as Rodas de Conversa com

as educadoras que, neste ano, aconteceram em dois momentos. O primeiro deles, como habitualmente ocorre, com um grupo grande de várias escolas de Porto Alegre e, num segundo momento, com escolas que estão em regiões onde impera o toque de recolher à noite. A estas, onde o medo e a violência se fazem sentir, ofereceu-se um espaço de escuta, continência e reflexão muito bem recebido e valorizado. Assim como se realizou uma Roda de Conversa, de maneira pontual, a um grupo de educadores de uma escola que foi vítima de vários roubos em um curto espaço de tempo.

Esse é o maior objetivo e o foco principal do trabalho. O desejo é que em 2017 possa-se seguir desenvolvendo este trabalho que é, ao mesmo tempo, extremamente importante e apaixonante.

Atendimento em Psicanálise

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Instituto de Psicanálise

CENTRO DE ATENDIMENTO
PSICANALÍTICO

CAP

Atendimento a adultos,
crianças e adolescentes

Informações: (51) 3224 3340 com Margareth Dallagnol

www.sppa.org.br • sppa@sppa.org.br

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE
Filial à International Psychoanalytical Association

Infância e Adolescência

Convidamos para a
Atividade Mensal da Diretoria da Infância e Adolescência



SOBRE ADOLESCÊNCIA

apresentação
MARLENE SILVEIRA ARAÚJO
Psicanalista da SPPA

29/03/2017 | **11h30min** | **ANFITEATRO**
quarta-feira | 4º andar da SPPA

Atividade aberta e gratuita.

Rua Gen. Andrade Neves, 147/4 - andar
Fone (51) 3224 3340
www.sppa.org.br

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE
DIRETORIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA - DIA

DIA comemora êxito das atividades em 2016

Em 2016, a DIA - Diretoria da Infância e Adolescência da SPPA teve um ano com muitas atividades na Sociedade e fora dela. Constataram no programa as reuniões semanais das quartas-feiras às 11h30min, quando houve a oportunidade de debater temas sobre teoria, técnica e suas aplicações no dia-a-dia do trabalho psicanalítico. As reuniões aconteceram com discussões de filmes e trabalhos com temas variados. Foi realizado um programa de reuniões sobre processo diagnóstico do seu início ao final. A DIA participou da confecção da Carta de Cartagena, que teve seu texto final elaborado no Congresso de Cartagena, com a participação do Diretor da DIA, Rui Annes, juntamente com colegas de várias federações da FEPAL.

A Diretoria da Infância e Adolescência participou em atividades e com debates, que foram promovidas por entidades científicas e governamentais, quando, de uma forma, ou outra, contribuiu para a divulgação e aplicação de conhecimentos psicanalíticos em vários setores da sociedade.

Em 2017, a DIA deve seguir as promoções que já começou a programar. Em destaque o XIX Simpósio da Infância e Adolescência que acontecerá nos dias 8, 9, 10 de junho com a convidada especial, Dra. Mônica Santolalla, coordenadora da Infância e Adolescência da FEPAL.

Rui Annes - diretor da DIA. Diretoria: Alice Bugin, Cristiano Frank, Denise Lahude, Flávia Maltz, Regina Sórdi, Suzana Fortes, Victor Mardini.

Relações com a Comunidade

SPPA aprofunda intercâmbio entre Psicanálise e Cultura

Durante este segundo semestre de 2016, a SPPA esteve presente em várias atividades culturais na cidade, revelando a importância dada ao intercâmbio entre Psicanálise e Cultura.

O Café Literário - parceria com a Saraiva do Moinhos Shopping - mostrou-se como um espaço consagrado que acontece nas segundas terças-feiras de cada mês. Neste semestre, privilegiou-se a literatura brasileira: A hora da estrela - leitura obrigatória do vestibular UFRGS/2017 de Clarice Lispector, bem como a vida e a poesia de Cecília Meirelles, propiciaram um rico debate articulando a Psicanálise e a Literatura.

Novamente, a Psicanálise esteve presente no Porto Alegre em Cena, participando de debates com atores e diretores em diversas peças deste importante festival de Teatro.

Ainda neste segundo semestre, o Programa Portas Abertas da SPPA recebeu um grande número de estudantes de psicologia. Além da visita à Sede, os alunos tiveram a oportunidade de assistirem vídeos sobre o Método Psicanalítico e de debaterem com colegas da SPPA assuntos relacionados à Psicanálise. Interaram-se também das atividades científicas promovidas pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



Café Literário acontece todas as segundas terças-feiras de cada mês, na Saraiva do Moinhos Shopping



Feira do Livro em 2016 tratou de Feminismo e da vida e obra de Manoel de Barros

O tradicional Ciclo de Estudos está em andamento: grupos de estudantes e/ou profissionais de Medicina e de Psicologia e um grupo formado por profissionais de outras áreas têm estudado temas da Psicanálise sob a coordenação de psicanalistas da SPPA.

A Feira do Livro foi outro espaço em que colegas da SPPA puderam debater com o público e com profissionais de outras áreas. Feminismo e a obra e vida de Manoel de Barros foram temas destes encontros.

A conferência "Pensamento e Afeto na Interação Humana" proferida por Dr. Stefano Bolognini - Presidente da Associação Psicanalítica internacional - trouxe um grande público à SPPA. Assim como, a atividade com o Dr. Howard Levine - "O Lugar da Verdade na Psicanálise" contou com extenso número de inscritos.

A grande presença de público, em todas estas atividades, revela a importância e o interesse por temas relacionados ao intercâmbio entre Psicanálise e Cultura.

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE CONVIDA

Café Literário

DA PSICANALÍTICA

TEMA: "O TRIBUNAL DA QUINTA-FEIRA" E O LINCHAMENTO VIRTUAL

CONVIDADOS: Idel Mondrzak (SPPA) e Michel Laub (Autor do livro, escritor e jornalista)

COORDENAÇÃO: Maurício Marx e Silva (Psicanalista SPPA)

DATA: 11 de abril de 2017

HORÁRIO: 19h30min

LOCAL: Saraiva do Moinhos Shopping (Rua Otávio Barreto Vianna, 36 - 3º piso)

ENTRADA FRANCA

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Associação Internacional Psicanalítica de Associação

Saraiva

CICLO DE ESTUDOS SOBRE TEORIA PSICANALÍTICA

1º SEMESTRE 2017